A Sociometria na Atualidade: Revisão Crítica e Aplicações no Psicodrama

Rosa Lidia Pontes[1]

A vida é arte do encontro
Embora haja tanto desencontro pela vida.
(MORAES; POWELL, 1966)

RESUMO

A presente aula propõe uma reflexão crítica sobre o lugar da Sociometria no Psicodrama contemporâneo, destacando sua relevância como fundamento teórico e metodológico do corpo de conhecimentos socionômicos. A proposta fundamenta-se no capítulo *A Sociometria no cenário psicodramático*, da obra *Psicodrama: Apontamentos e Criação* (PONTES, 2016), texto reconhecido com o Prêmio FEBRAP de melhor escrito psicodramático em sua categoria. A partir da análise do ensino da Sociometria em cursos de formação em Psicodrama no Brasil e da experiência da autora como docente e supervisora, observa-se uma tendência à redução do campo sociométrico ao uso restrito do Teste Sociométrico. Essa abordagem restritiva tende a comprometer a leitura ampliada das dinâmicas relacionais, tanto nos atendimentos individuais quanto nos grupais. Diante desse cenário, a aula propõe o resgate de princípios fundamentais do pensamento sociométrico, situando-os como base para a compreensão e o desenvolvimento de conceitos centrais do referencial moreniano, tais como espontaneidade, *tele* e papel. Discute, ainda, a integração entre Sociometria, Sociodinâmica e Sociatria, enfatizando a Sociometria como eixo estruturante para a leitura e intervenção nas relações humanas. A partir dessa perspectiva, problematiza-se a fragmentação do ensino socionômico e reforça-se a necessidade de uma compreensão integrada do corpo teórico-prático moreniano. Por fim, apresenta possibilidades de aplicação da Sociometria na prática psicodramática, destacando sua contribuição para a compreensão das inter-relações e desenvolvimento de intervenções nos contextos psicoterápico e socioeducacional. Propõe, desta forma, a atualização do olhar sociométrico como elemento essencial à atuação do psicodramatista na contemporaneidade.

Palavras-chave: Sociometria. Psicodrama. Socionomia. Dinâmica de grupos. Relações interpessoais.

[1] Psicóloga, psicodramatista da Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama (ABPS), psicodramatista didata e professora supervisora nos focos psicoterápico e socioeducacional, especialista em Psicologia Clínica e em Psicologia Organizacional, mestre em Educação. *E-mail*: rlpp@uol.com.br

1 INTRODUÇÃO

O objetivo inicial deste trabalho é questionar a visão restrita da Sociometria no cenário psicodramático, frequentemente compreendida apenas como um instrumento técnico. Definida por Moreno como um dos ramos da socionomia, isto é, "a ciência da medida do relacionamento humano, cujos métodos seriam o Teste Sociométrico e o Teste Sociométrico de Percepção" (MORENO, 1993, p. 33), a Sociometria acaba, muitas vezes, sendo reduzida à aplicação desses testes, em detrimento de seu corpo teórico e de suas amplas possibilidades de compreensão das relações humanas, demonstradas pelo número de trabalhos publicados.

Uma das propostas centrais da aula consiste em retomar as premissas básicas do pensamento sociométrico, situando o desenvolvimento de conceitos teóricos fundamentais como fruto direto desses estudos (PONTES, 2016). Para tanto, são revisitados os quatro momentos criativos de Moreno, conforme apresentados por Gonçalves, Wolff e Almeida (1988 *apud* RAMALHO, 2010, p. 31), bem como alguns dos princípios basilares que nortearam a proposta sociométrica desde seus primórdios.

Observa-se que Moreno inicia suas pesquisas de natureza quali-quantitativa, que dariam origem aos instrumentos sociométricos — dentre os quais o Teste Sociométrico se tornou o mais conhecido —, promovendo a integração de concepções iniciais de cunho filosófico e religioso a um plano científico. Nesse processo, estruturam-se conceitos centrais como espontaneidade, *tele* e papel, os quais não podem ser compreendidos nem estudados de forma dissociada do corpo de conhecimentos sociométricos (PONTES, 2016).

Em um segundo momento, este trabalho propõe realizar uma análise crítica acerca da forma como o Teste Sociométrico vem sendo utilizado, tanto como instrumento para a formação de novos grupos quanto para a leitura da estrutura vincular de equipes já constituídas. Identifica uma aplicação reduzida e ocasionalmente inadequada desse recurso, o que tem contribuído para um certo menosprezo pela Sociometria e, consequentemente, para a não utilização de conhecimentos relevantes, seja no âmbito psicoterapêutico, seja no contexto socioeducacional.

Ao se propor um olhar ampliado sobre a Sociometria, torna-se igualmente relevante reconhecer que ela trouxe à luz conhecimentos fundamentais sobre a dinâmica grupal, de grande valor para aqueles que se dedicam ao trabalho com grupos. Um exemplo significativo são as denominadas Leis da Sociodinâmica (FLEURY, 2026). Estudos posteriores, especialmente os realizados por Bustos (1979, 1990), aprofundaram essas contribuições ao investigar as configurações grupais, abordando seus significados e propondo estratégias de intervenção junto a indivíduos isolados, pares, cadeias, triângulos e círculos.

Outra contribuição relevante — ainda pouco explorada e, por vezes, pouco conhecida — reside nos conceitos de expansividade social e expansividade afetiva (FREITAS, 2006), os quais poderiam oferecer aportes importantes para a formação e o acompanhamento de grupos familiares, educacionais e organizacionais.

Diante desse panorama, evidencia-se que o entendimento e a aplicação da Sociometria demandam uma revisão urgente. Seu ensino não pode permanecer restrito ao conhecimento de um teste que, no contexto contemporâneo, mostra-se limitado, tanto pelo tempo necessário para a análise adequada de seus resultados quanto pelo risco que representa quando utilizado de forma inadequada (Anna Maria KNOBEL apud CARNEIRO, 2015). A Sociometria precisa ser reinserida no corpo mais amplo do conhecimento Socionômico, sendo suas contribuições compreendidas não apenas como possíveis, mas como essenciais ao cotidiano de trabalho dos psicodramatistas.

Essa relevância se manifesta tanto no plano individual — considerando o ser humano em relação e sua convivência com múltiplos grupos internos — quanto no plano grupal, seja no contexto psicoterapêutico, seja no socioeducacional.

Com o intuito de esclarecer as ideias anteriormente apresentadas, ainda que de forma sucinta, serão expostas algumas possibilidades de utilização da Sociometria no cotidiano do trabalho psicodramático (PONTES, 2016): a) a construção e o desenvolvimento de grupos em nível preventivo; b) a leitura das inter-relações e o consequente trabalho relacional de grupos por meio de instrumentos distintos do Teste Sociométrico, como o *role play* e a aplicação dos átomos sociais; c) o desenvolvimento da saúde mental dos indivíduos, a partir do acompanhamento da evolução de seus átomos culturais ao longo da vida.

Por fim, cabe salientar que um novo olhar sociométrico convida o psicodramatista a adotar uma postura de observação ampliada, semelhante ao uso de óculos tridimensionais, que possibilitem a visualização da rede de vínculos, das escolhas e dos critérios presentes em qualquer contexto relacional. Trata-se de perceber a "Sociometria viva" em toda e qualquer situação, especialmente nas intervenções realizadas no campo psicodramático (PONTES, 2016; Anna Maria KNOBEL apud CARNEIRO, 2015).

2 DESENVOLVIMENTO

A presente aula propõe uma reflexão crítica sobre o lugar da Sociometria no Psicodrama contemporâneo, destacando sua relevância como fundamento teórico e metodológico do corpo de conhecimentos socionômicos. A proposta fundamenta-se no capítulo *A Sociometria no cenário psicodramático*, publicado na obra *Psicodrama: Apontamentos e Criação* (PONTES,

2016), texto reconhecido com o Prêmio FEBRAP de melhor escrito psicodramático em sua categoria.

2.1 A Sociometria

Em relação à tentativa moreniana de organização do conhecimento, a sistematização da socionomia dividida em três ramos— Sociometria, Sociodinâmica e Sociatria — cada qual com seus métodos específicos, parece ter levado a uma compreensão fragmentada, como se fossem conhecimentos diferentes utilizados de forma independente e com objetivos distintos. O próprio Moreno, porém, afirma que "os ramos do sistema estão estreitamente relacionados entre si..." (MORENO, 1993, p. 33). Pontes (1984) já discutia no IV Congresso Brasileiro de Psicodrama a cisão Sociometria/Sociatria e suas consequências.

Outro aspecto a ser destacado em relação ao lugar que a Sociometria tem ocupado no ensino do psicodrama, e consequentemente em sua prática, é o fato de o próprio Moreno defini-la como "[...] a ciência da medida do relacionamento humano [...] cujos métodos seriam o Teste Sociométrico e o Teste Sociométrico de Percepção" (MORENO, 1993, p. 33). Essa definição, somada à falta de clareza em seu corpo teórico quanto ao momento e à forma de desenvolvimento dos principais conceitos do sistema, tem levado a uma associação extremamente empobrecedora e limitante: Sociometria = teste sociométrico.

Portanto, faz-se necessário retomar, em primeiro lugar, as premissas básicas do pensamento sociométrico e procurar situar o desenvolvimento de conceitos teóricos fundamentais como frutos desses estudos. Isso significa compreender a Sociometria não como "furor métrico" moreniano, mas como solo fértil para a organização e consolidação de todo um corpo teórico.

Segundo Gonçalves, Wolff e Almeida (1988 *apud* RAMALHO, 2010, p. 31): a obra de Moreno é marcada por quatro momentos criativos: 1) religioso – filosófico; 2) teatral e terapêutico; 3) sociológico – grupal; 4) organização – consolidação" (RAMALHO, 2010, p.31). No primeiro momento, inspirado pelo hassidismo e pelo existencialismo, Moreno vivenciou o que seriam as sementes de seu embasamento teórico filosófico, a ser posteriormente desenvolvido no plano científico. Já estavam presentes as ideias que definiam o ser humano como relacional, criativo e responsável por seu próprio destino. No segundo momento, a partir de seu envolvimento com experiências teatrais, ensaiou e colocou à prova a revolução dramática como instrumento de mudança pessoal e social. No terceiro, viveu intensamente o conflito entre seu posicionamento fenomenológico existencial e as exigências do cientificismo lógico norte-americano no estudo das relações humanas, o que o levou à Sociometria — não apenas como método de mensuração, mas como campo teórico fundamentado em seus

pressupostos anteriores em relação ao ser humano como ser relacional, criativo e espontâneo que vive pelo e para o encontro interpessoal. Colocou à prova hipóteses e formulou conceitos anteriormente intuídos. Segundo Bustos (1990, p. 56):

> Na edição francesa de *Fundamentos da Sociometria*, Moreno termina por definir a Sociometria como a ciência da ação, portanto, o substrato teórico do psicodrama [...] A Sociometria contém desordenadamente todos os elementos de uma teoria das relações interpessoais, base fundamental do trabalho psicodramático [...]

Finalmente no quarto momento, Moreno articulou suas ideias teóricas e organizou seus recursos técnicos como método: "O psicodrama é, na verdade, uma criação posterior, sendo seu lócus de desenvolvimento efetivo o teatro de psicodrama de Beacon, em Nova Iorque [...]" (BUSTOS, 1990, p. 56).

2.2 Princípios básicos da Sociometria

Para começar a pensar sobre o arcabouço sociométrico do cenário psicodramático atual, é importante que se retome alguns dos princípios básicos das ideias que nortearam seu criador desde o início (PONTES, 2016):

1 – Os indivíduos não existem isoladamente; o ser humano é gregário, vive em grupos.
2 – Os grupos são constituídos por pessoas que se relacionam através de vínculos.
3 – Tais vínculos são desenvolvidos através de papéis.
4 – As pessoas ao se vincularem realizam escolhas entre si.
5 – As escolhas entre os indivíduos ocorrem em todos os vínculos, podendo ser mútuas – de mesmo sinal ou qualidade – ou incongruentes – diferentes sinais ou qualidades.
6 – Os vínculos entre os indivíduos podem, então, variar qualitativamente dependendo do papel que os conectam, podendo ser de atração, rejeição ou indiferença, além de poderem ser mútuos ou incongruentes.
7 – Os indivíduos tendem a ser mais felizes, saudáveis e produtivos quanto mais puderem escolher as pessoas com que convivem em seus grupos nos diferentes papéis.
8 – As pessoas deveriam poder escolher seus companheiros nos diferentes papéis que exercem.

A partir dessas premissas, Moreno inicia suas pesquisas quali-quantitativas, que dão origem aos instrumentos sociométricos, dos quais o Teste Sociométrico tornou-se o mais conhecido. Observa-se, nesse momento de suas pesquisas, a integração que vai realizando entre

suas ideias iniciais — filosóficas e religiosas — e o plano científico, no qual se estruturam os conceitos de espontaneidade, *tele* e papel. Tais conceitos, portanto, não podem ser compreendidos nem estudados de forma dissociada do corpo de conhecimento sociométrico.

2.3 O Teste Sociométrico e sua utilização

A ideia de que as pessoas deveriam poder escolher "suas famílias sociométricas" — "ou seja, um lugar de convivência afetiva baseado nas próprias escolhas" (KAUFMAN, 1993) — e de que a saúde mental dos indivíduos poderia estar intimamente atrelada aos grupos aos quais pertencem foi uma das contribuições mais importantes de Moreno, bem como o instrumento por ele idealizado, extremamente simples e eficiente. Por meio do teste torna-se possível obter uma visão microscópica das inter-relações e de suas qualidades, algo que nem sempre se revela diretamente ao olhar, como o próprio Moreno demonstra ao conceituar a tricotomia social.

Sua utilização como instrumento para formação de grupos, entretanto, ainda é bastante limitada, devido à persistente desconsideração da importância da vinculação. Persiste a crença de que os grupos se constituem apenas pela reunião de indivíduos em torno de um objetivo comum, sem que se leve em conta as relações necessárias para o desenvolvimento de qualquer atividade. Soma-se a isso o preconceito em relação ao que se denomina "panelinha" — ou seja, agrupamentos naturais realizados pela escolha dos próprios indivíduos não são considerados "saudáveis".

Outro uso do teste sociométrico é claramente definido por Alfredo Naffah Neto:

> [...] seu objetivo é pesquisar a estrutura dos agrupamentos humanos, suas configurações fixas e móveis, suas formações e transformações e toda força criadora que os anima. [...] Dir-se-ia, então, que o teste sociométrico propõe-se a estudar as formações sociais em *status nascendi* e no interior dos projetos que emergem do exercício da espontaneidade num âmbito intersubjetivo [...] (NAFFAH NETO, 1997, p. 134).

Trata-se, portanto, de uma proposta de conhecimento do grupo tal como ele é, a partir da percepção de seus próprios membros, cujos resultados podem propiciar a adequação dos indivíduos ao grupo, bem como o desenvolvimento das inter-relações. A este respeito, Naffah Neto mostra a associação que deve haver entre a Sociometria e a Sociatria, que, como foi explicitado anteriormente, não podem ser vistas isoladamente.

> Quando utilizada nesta perspectiva, a sociometria se prolonga pela sociatria (do grego iatréia = terapêutica), em que a psicoterapia de grupo, o psicodrama e o sociodrama vão continuar o trabalho de explicitação, desenvolvimento e transformação das relações intersubjetivas, seja numa dimensão que enfoca as tensões e as ideologias sociais em suas formas mais amplas (entre grupos, raças, classes etc.), seja nas configurações específicas que elas assumem na existência concreta de cada indivíduo. (NAFFAH NETO, 1997, p. 135).

Quando utilizado com esse objetivo, no entanto, o teste sociométrico foi muitas vezes proposto como instrumento diagnóstico desvinculado de uma proposta terapêutica posterior, formando, consequentemente, a ideia de um instrumento que solapa os grupos a ele submetidos, provocando sofrimento em seus participantes.

> É um instrumento de caráter universal: não existe grupo no qual o teste não possa ser utilizado. A simplicidade e rapidez de aplicação é surpreendente, principalmente tendo em vista o que pode oferecer como resultado [...] Todas as características do instrumento: universalidade, rapidez, simplicidade e fornecimento de dados completos e importantes, paralelamente a uma inserção falha em um corpo teórico, têm levado algumas vezes a um mau ou incompleto uso. (PONTES, 1984, p. 55)

Assim, em função de múltiplos fatores — como a difusão do sistema socionômico ficar conhecido através do psicodrama; a compreensão fragmentada da divisão da socionomia em ramos isolados; a definição inicial da Sociometria como instrumento de medida das relações; a falta de clareza quanto ao seu papel na sistematização teórica e o uso inadequado do teste sociométrico — observa-se, no cenário psicodramático, um certo menosprezo pela Sociometria e, consequentemente, a subutilização de conhecimentos fundamentais, tanto no âmbito psicoterápico quanto no socioeducacional. Esse aspecto é evidenciado pelo número limitado de publicações sobre o tema.

2.4 Ideias e conceitos resultantes das pesquisas sociométricas

Importante também verificar que as pesquisas sociométricas não somente vieram validar instrumentos de medição e fornecer subsídios para o desenvolvimento teórico da conceituação moreniana, como trouxeram à luz conhecimentos sobre a dinâmica grupal que podem ser de grande valia àqueles que se dedicam a trabalhos grupais.

Um exemplo são as chamadas “Leis da Sociodinâmica”: a Lei Sociogenética, a Lei Sociodinâmica, a Lei da Gravitação Social e a Lei da Rede Interpessoal e Socioemocional.

(Anna Maria KNOBEL apud CARNEIRO, 2015). Como afirma Moreno (1993, p. 48), "a Sociometria descobriu uma série de princípios (regularidades) que exprimem a influência das forças supraindividuais e sociais sobre o destino dos indivíduos no grupo".

Estudos posteriores, realizados principalmente por Dalmiro Bustos (1979; 1990), trazem importantes contribuições sobre as "Configurações Grupais", bem como sobre o significado e as estratégias para trabalhar com os indivíduos isolados, os pares, as cadeias, os triângulos e os círculos.

Outra contribuição relevante — ainda pouco explorada e, por vezes, pouco conhecida — diz respeito aos conceitos de *Expansividade Social* e *Expansividade Afetiva*, (FREITAS, 2006) que muito poderiam contribuir para a formação de grupos familiares, educacionais e organizacionais, além de proporcionar o entendimento de inúmeros conflitos interpessoais que frequentemente dão origem a sentimento de culpa em indivíduos que "não dão conta" de algumas relações.

2.5 Aplicações sociométricas no cotidiano

a) Construção e desenvolvimento de grupos (nível preventivo):

A formação de um grupo que leve em consideração não apenas o objetivo comum de seus membros, mas que compreenda a importância da vinculação desses indivíduos deve partir de uma proposta sociométrica em que os elementos possam escolher-se mutuamente. O jogo dramático em que os participantes assumem papéis e constroem situações ou estórias tem mostrado resultados interessantes, em que podem ser percebidos não somente o sinal das escolhas (positivo, negativo ou indiferente), como até, em alguns casos, sua intensidade.

b) Desenvolvimento de inter-relações saudáveis

Segundo Fonseca Filho, os grupos amadurecem à medida em que as vinculações entre seus membros são estabelecidas, obedecendo fases semelhantes às do desenvolvimento infantil, observáveis nos sociogramas por meio das configurações grupais. Segundo o autor, são quatro as "fases básicas: indiferenciação, reconhecimento grupal, triangulação e circularização – inversão" (FONSECA FILHO, 1980, p. 131). Com base nessa constatação, surge a possibilidade de acompanhamento do desenvolvimento dos grupos, a partir da proposição de jogos dramáticos que propiciem a evolução dessas fases por meio do incentivo ao surgimento da espontaneidade, ao reconhecimento de si mesmo e do outro (potencial télico), à formação de pares, cadeias, triângulos e à circularização. Esse estudo/trabalho vem sendo

desenvolvido há alguns anos, com resultados positivos tanto no âmbito clínico como no socioeducacional. Em empresas, têm sido notáveis os resultados na produtividade e na redução de acidentes de trabalho, conforme já postulava Moreno (1953) no prefácio à 2ª edição francesa de sua obra:

> Qual o valor dos métodos sociométricos em termos de produtividade? Eles aumentam a produtividade do trabalho de grupo, da equipe, do coletivo, em qualidade, economia de tempo, de material, de trabalho. Esses métodos acrescentam alguma higiene mental ao trabalhador? A desorganização da personalidade está estreitamente ligada à desorganização do grupo: a Sociometria melhora as relações interpessoais entre os trabalhadores e eleva a moral do coletivo; isto se reflete sobre a comunidade em geral e, por conseguinte, de outro lado sobre o grupo, por um processo de retroação.[2]

c) Leitura das inter-relações e intervenções para além do teste sociométrico:

Com base nos princípios básicos da Sociometria e no conhecimento produzido pelos estudos sociométricos de Moreno e de seus seguidores, é possível realizar leituras e intervenções grupais por meio do *role playing*. É a "Sociometria em ação", um método mais rápido, mais leve e muito eficiente. Naffah Neto (1997, p. 135) afirma:

> [...] a sociodinâmica funciona como um elo de ligação entre a sociometria e a sociatria, na medida em que seu método principal, a interpretação de papéis (*role playing*), transporta a pesquisa do nível mais estrutural e estático do teste sociométrico para o nível dinâmico da interação, no qual se explora a dinâmica dos vínculos grupais, nas formas dos diversos papéis que eles pressupõem e pelas quais se realiza [...] Tem a função de iniciar uma pesquisa dinâmica que é, então, retomada e ampliada pelos métodos da sociatria.

Com a mesma finalidade, destaca-se ainda a construção dos átomos sociais de cada elemento do grupo, situação em que cada indivíduo não somente revela suas escolhas através do afastamento ou distanciamento dos demais, como tem a oportunidade de expressar sua percepção das relações grupais. Nesse tipo de intervenção se propõe inicialmente que cada elemento construa seu átomo em uma folha de papel (para que não seja influenciado pelos demais) e posteriormente o reconstrua com a participação dos colegas. Nesse momento inicia-

[2] Tradução da autora.

se o trabalho sociodramático, utilizando-se os recursos técnicos apropriados a cada situação para a elaboração das escolhas de cada um dos participantes.

d) Um novo olhar sociométrico

Por fim, um olhar sociométrico renovado deve nos levar a colocar "óculos tridimensionais", que possibilitem visualizar a rede de vínculos, as escolhas e os critérios — enfim, ver a "Sociometria viva" em toda e qualquer situação, principalmente nas intervenções que realizamos. Essa perspectiva possibilita compreender os indivíduos por meio de seus grupos internos e perceber claramente as escolhas sociométricas que se apresentam em uma sessão: as escolhas do protagonista no aquecimento, dos colegas que funcionarão como egos auxiliares na dramatização e dos participantes que compartilharão os sentimentos ao final da sessão. Permite ainda ver que o funcionamento de um grupo envolve intrincada rede relacional que certamente facilita, dificulta, ou até mesmo impede o desenvolvimento de todo trabalho.

> Quando Moreno enuncia: "O primeiro é o grupo", convida-nos a conceber o homem como uma unidade indivisível de seu ambiente. Dentro desta rede de vínculos, diferencia – indo do mais simples ao mais complexo – o homem isolado, o homem no casal, formando um triângulo, uma corrente, e, por fim, um círculo (BUSTOS, 1990, p. 57).

3. Considerações finais

À luz das reflexões apresentadas, o curso evidencia a necessidade urgente de revisão no entendimento e na aplicação da Sociometria. Seu ensino não pode continuar limitado ao conhecimento de um teste que, no contexto atual, tende a se tornar obsoleto, até pelo tempo exigido para a análise de seus resultados e pelo "perigo" que representa quando utilizado de forma inadequada.

A Sociometria precisa estar inserida no corpo do conhecimento Socionômico como um todo, e suas contribuições devem ser compreendidas como não somente utilizáveis, mas essenciais ao cotidiano de trabalho dos psicodramatistas, quer no plano individual – tendo em vista o ser em relação, que convive intensamente com seus inúmeros grupos internos –, quer no plano grupal, seja no contexto psicoterápico ou socioeducacional.

REFERÊNCIAS

BUSTOS, D. M. **Perigo… amor à vista!** Drama e psicodrama de casais. São Paulo: Aleph, 1990.

BUSTOS, D. M. **Psicoterapia psicodramática.** São Paulo: Brasiliense, 1979.

BUSTOS, D. M. **O teste sociométrico**: fundamentos, técnica e aplicações. São Paulo: Brasiliense, 1979.

CARNEIRO, L. S. **O resgate sociométrico do papel social de mãe na família**. 2015. Monografia (Especialização em Formação em Psicodrama) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/34794/1/LUCIANE%20SANTOS%20CARNEIRO.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2026

FLEURY, H. **A dinâmica de grupo e suas leis**. [S.l.: s.n.], s.d.
Disponível em: <heloisafleury.com.br/a – dinâmica – do grupo – e – suas leis/>. Acesso em: 20 mar. 2026

FONSECA FILHO, J. S. **Psicodrama da loucura**: correlações entre Buber e Moreno. São Paulo: Ágora, 1980.

FREITAS, A. P. **Envelhecimento e relações sociais**: um estudo com pacientes psicóticos. 2006. 90 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

KAUFMAN, F. G. O teste sociométrico. In: MONTEIRO, R. F. **Técnicas fundamentais do psicodrama**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MORAES, V.; POWELL, B. Samba da bênção. In: MORAES, V.; POWELL, B. **Os afro-sambas**. Rio de Janeiro: Forma, 1966. 1 disco vinil.

MORENO, J. L. **Fondements de la sociométrie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1970. (Tradução francesa de *Who Shall Survive?*)

MORENO, J. L. **Psicoterapia de grupo e psicodrama**. Campinas: Editorial Psy, 1993.

MORENO, J. L. **Sociometria: método experimental e a ciência da sociedade**. 1. ed. São Paulo: FEBRAP, 2020.

NAFFAH NETO, A. **Descolonizando o imaginário**. São Paulo: Plexus, 1997.

PONTES, R. L. P. F. A sociometria no cenário psicodramático: um olhar. In: GOTTLIEB, L.; PERAZZO, S. (org.). **Psicodrama: apontamentos e criação**. São Paulo: FiloCzar, 2016.

PONTES, R. L. P. F. Teste Sociométrico - Considerações sobre seu uso. **Revista da FEBRAP**, São Paulo, v. 3, 1984.

RAMALHO, C. M. R. **Psicodrama e dinâmica de grupo**. Aracaju: [s.n.], 2010. Disponível em: <https://doceru.com/doc/8e00s01>. Acesso em: 17 mar. 2026.